

Naironi (Antonio-Fausto), savant maro-
nite, né vers 1635, à Ben, dans le mont
Liban, mort le 3 novembre 1707, à Rome.
Nevet, par sa mère, d'Abraham Eichel-
leusis, il vint de bonne heure en Syrie
pour s'y procurer les ouvrages relatifs
à ses co-religionnaires, il devint profes-
seur de langue syriaque au collège de
la Sagesse (1666); il occupa cette
chaire jusqu'en 1694. On a de lui:

... De saluberrima potione catuè
seu café nuncupata discursus; Rome,
1671, in-12; trad. en italien par Fred.
Vegilius (Rome 1671) et par Paul Ros-
ca (Milan, 1673), et en français.

...
Nouvelle biographie générale
(Hœfer) vol. 37 p. 142

D I S C V R S O

sôbre

A SALVBERRIMA

BEBIDA

chamada

C A H V E,

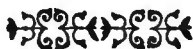
OV

C A F E'

POR FAVSTO NAIRONO BANÉSIO
Maronita,

*Leitor de Lingua Caldêia ou Siriaca
do Ilustre Arquignâsio
Romano.*

EDIÇÃO
DO DEPARTAMENTO
NACIONAL
DO CAFE'



Rio de Janeiro, Brasil. 1945.

D I S C U R S O
sôbre

A SALVBERRIMA

BEBIDA

chamada

C A H V E,

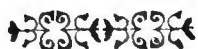
OU

C A F E'

POR FAVSTO NAIRONO BANÉSIO
Maronita,

*Leitor de Lingua Caldêia ou Siriaca
do Ilustre Arquignâsio
Romano.*

EDIÇÃO
DO DEPARTAMENTO
NACIONAL
DO CAFE'



Rio de Janeiro, Brasil. 1945.

DE SALVBERRIMA
POTIONE
CAHVE,
SEV
CAFE

Nuncupata

DISCVRSVS

FAVSTI NAIRONI BANESII
Maconitæ,

*Lingua Chaldaicæ, seu Syriacæ
in aliquo Verbis Arabizym
naso Lectoris*

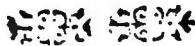
Ad Frameritis, ac Reuerendiss.

PRINCIPEM

D. IO. NICOLAVM

S. R. E. CARD.

DE COMITIBVS.



Romæ, Typis Michaelis Mercalis, 1691.

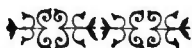
1691

D I S C U R S O
sôbre
A SALVBERRIMA
B E B I D A
chamada
C A H V E,
OV
C A F E'

POR FAVSTO NAIRONO BANÉSIO
Maronita,

Leitor de Lingua Caldéia ou Siriaca
do Ilustre Arquiginásio
|Romana.

EDIÇÃO
DO DEPARTAMENTO
NACIONAL
DO CAFE'



Rio de Janeiro, Brasil. 1945.

Esta edição de *De Saluberrima Potione
Cahue seu Cafe Nuncupata Discursus*,
primeira no Brasil e segunda no mun-
do, foi feita nos estabelecimentos
gráficos dos Irmãos Pongetti, do
Rio de Janeiro, para o DEPAR-
TAMENTO NACIONAL DO CAFÉ,
com séde na mesma Cidade.
Consta de 2.000 exempla-
res numerados, impres-
sos em papel "Holan-
da", todos fóra de
comércio. Acabou-
se de imprimir
a 26 de de-
zembro de
1945.

*

Este exemplar tem o n.º

259

Introdução
à edição
brasileira



M 1671, e em
lingua latina,
imprimiu-se
o primeiro tra-
tado que, ver-
sando sôbre o
café exclusiva-

mente, apareceu não só no Oci-
dente como no Universo: o de
Antônio Fausto Naironi, erudito
maronita que, segundo uns, viveu
de 1635 a 1707 e quase sempre
na Itália. E segundo outros, nas-
ceu em 1635, falecendo em 1711.

Estudou o patriarca da biblio-
grafia cafeeira impressa na Uni-
versidade de Parma e regeu, du-
rante certo tempo, no Colégio da
Sapiência de Roma, as cátedras
de siríaco e caldaico.

Foi na capital pontificia e na
oficina de Miguel Hércules que
imprimiu *De saluberrima po-*

XIV

tione cahue seu café nuncupata discursus, opúsculo de 57 páginas, de sete sôbre quatorze centímetros, hoje não raro e sim, senão rarissimo, rarississimo.



De tal edição possui o Museu Paulista um exemplar devido à generosidade do Dr. Alfredo Guedes de Souza, politico paulista que foi Secretário do Interior do Estado, homem cheio de instigações culturais e patrióticas.

Supomos que o exemplar do Museu seja o único existente não no Brasil, mas na América. E tal hipótese nos sugere o fato de não lhe haver Ukers reproduzido a folha de rosto em seu All About Coffee, quando tudo o levaria a tal reprodução, dado a importância d'este cimélio.

Ao Dr. Alfredo Guedes deve o Museu Paulista outra dádiva do maior valor: a de uma grande barra de ouro, magnífica, provinda das Minas de Guaporé (Vila Bela de Mato Grosso), barra a que acompanha a respectiva guia, o que lhe realça notavelmente o valor numismático.

Era o Dr. Guedes (1868-1905)

filho dos Barões de Pirapitínguy e irmão da ilustre dama D. Olivia Guedes Penteado (1872-1934), personalidade de tão alta projeção no meio paulista e de tão saudosa memória, graças aos excepcionais dotes de inteligência, ilustração, coração e espírito cívico.

Voltemos, porém, ao nosso Naironi, nome prestigiosísimos anais da Síria Libanesa, mas de pequena repercussão nos fatos ocidentais, a não ser nos da bibliografia cafeeira.

Recorramos ao "Grand Dictionnaire Universel du XIXème Siècle", o Larousse, fonte da erudição de tanta gente boa de que dela se serve, certa de que está fazendo figura quando se acha a praticar o que o bom senso popular, com iniludível critério, qualifica de sabedoria larousseana.

"NAIRONI (Antônio Fausto) Sábio maronita nascido em Ban (Libano), nas vizinhanças de 1635, falecido em Roma em 1707. Estudou em Parma e, após curta viagem pela Síria, veio fixar-se em Roma, sendo nomeado professor de língua siríaca no Colégio

XVI

da Sapiência. Deve-se-lhe "Officina Sanctorum juxta ritum ecclesiae maronitarum" (Roma, 1656, in fol.).

De saluberrima potione cahue seu café nuncupata discursus (Roma, 1671, in 12). Dissertatio de origine, nomine ac religione maronitarum (Roma, 1679, in 8)."

Muito mais extensa é a noticia biográfica que a magnifica Enciclopédia Universal Ilustrada Européica Americana, dos Hijos de J. Espasa, dá do nosso patriarca da bibliografia cafeeira.

"NAIRONI (António Fausto) Sábio maronita, nacido en Ban, pueblecito del Monte Libano en la primera mitad del siglo XVII, hácia el año 1635.

Terminados sus estudios en Roma, regresó à Oriente, donde acumuló gran copia de datos referentes à la historia del pueblo maronita.

Vuelto à Roma en 1666, fué nombrado profesor de lengua siriaca ò caldaica en el Colegio de la Sapiencia, cargo que ocupó hasta 1694. Murió en la Ciudad Eterna en 1711, siendo casi octogenario.

Sus principales obras son las

XVII

seguintes: Offitia Sanctorum juxta Ritum Ecclesiae Maronitarum (Roma, 1665 y 1666). De saluberrima potione cahue seu café nuncupata discursus (Roma 1671, traducita dos veces al italiano, en Roma, 1671 y en Milan, 1673). Evoplia Fidei Catholicae Romanae historico dogmatica (Roma, 1694). Dissertatio de originalis nomine ac religione Maronitarum (Roma, 1679).

En estas dos ultimas obras prueba que los maronitas han perseverado en la fé católica desde los tiempos apostólicos y que su nombre no proviene de Juan Marón, hereje monotelita, muerto en el año 707, sinó de San Marón, célebre anacoreta del Monte Libano que vivió en el siglo VII."

Em La Grande Encyclopédie, vulgarmente chamada Enciclopédia de Berthelot, do nome do seu imortal diretor, Marcelino Berthelot, o artigo biográfico sobre Naironi é da autoria de F. H. Krüger, professor no Instituto das Missões Evangélicas de Paris.

Dá alguns pormenores acerca

XVIII

do nosso autor. *Contesta a versão de que haja morrido em 1711, havendo realmente falecido em 1707, a 3 de novembro.*

Era sobrinho de Abrahão Ecchelensis, sábio maronita, falecido em Roma, muito idoso, em 1664, professor de siriaco e árabe na Propaganda, colaborador da Bíblia Poliglota de Le Jay, professor de árabe e siriaco no Colégio de França de 1646 a 1652. Neste ano, voltou a Roma.

Relata, ainda, que percorreu largamente a Síria, coletando documentos sobre seus correligionários.

Suas obras, diz Krüger, passam por assás superficiais. Manteve polémica com J. Selden, no Euty-chius vindicatus (Roma, 1661), publicou uma edição das obras de Santo Antão (Paris, 1646) e uma gramática siriaca (Roma, 1628).

Conta ainda de Naironi que, em sua Evoplia, se narram fatos assás curiosos sobre o café, em opúsculo traduzido em francês, no ano de 1673, e versão editada em Milão.

A edição principal dêste cí-mélio, a latina, traz a seguinte

*folha de rosto: De saluberrima /
 potione / cahue / seu / café /
 Nuncupata / Discursus / Fausti
 Naironi Banesii / Maronitae /
 Linguae chaldaica seu Syriacae
 / in Almo Urbis Archigym /
 nasio Lectoris / Ad Eminentiss
 ac Reverendis / Principem / D.
 IO. Nicolaum / S. R. E. Card.
 De Comitibus / Romæ Typis
 Michaelis Herculis, 1671 / Su-
 periorum permissu.*

*É desta raridade que temos o
 grande prazer de ofertar ao nosso
 público a ótima tradução feita
 pelo Sr. Prof. Dr. Alexandre Cor-
 rêa, ilustre humanista brasi-
 leiro, para quem a correspondên-
 cia do latim e do português não
 tem segredos, e a cujo nome so-
 bremoão prestigia magnífica ver-
 são da Suma Teológica. Dete-
 breve esperamos ter a versão por-
 tuguêsa da obra célebre de Gui-
 lherme Piso, o companheiro de
 Marcgrave: De medicina brasi-
 liense, primeiro tratado de me-
 dicina tropical referente não só
 ao Brasil como a todo o Conti-
 nente americano.*

*Que posição cabe a Naironi na
 bibliografia cafeeira? Afirma
 Ukers em sua notável monogra-*

fia *All About Coffee* (2.^a ed., p. 12) que foi autor do primeiro tratado impresso versando exclusivamente sobre o café.

Algumas páginas adiante, afirma formalmente: "o primeiro tratado, revestido de autoridade (*authoritative*), e exclusivamente dedicado ao café, só apareceu em 1671. Foi escrito em latim por Antônio Fausto Naironi (1635-1707), maronita, professor das linguas caldaica e siríaca no Colégio de Roma." (sic). (1)

Referências impressas ao decocto da rubiácea já então eram bem mais antigas. A primeira surgiu na obra de Rauwolf em 1582, texto alemão. De 1598 se data a primeira inglesa, também impressa, tradução da obra holandesa de Bernardo ten Broeke.

(1) Diz Paulo Porto Alegre em sua tão conhecida monografia que, em 1659, foi em Oxford publicado um opúsculo em árabe e inglês sob o título *Da Natureza da bebida chamada Kahui ou café*. Ukers que em seu *All about coffee* tão acuradamente pesquisou acerca dos primórdios da bibliografia cafeeira nada informa a respeito deste caso que não estamos em condições de elucidar.

De 1595, é a holandesa d'êste mesmo ten Broeke, mais conhecido pelo nome científico latinizado de *Paludanus*. Anterior a estas notícias, existe a italiana, também do século XVI, a do iustre botânico Próspero Alpini ou *Alpinus* (1553-1617), que em 1592 publicou, em Veneza e em latim, o seu tratado sôbre As plantas do Egito. A primeira referência francesa impressa é mais recente: consta da obra do famoso botânico Charles de l'Ecluse (1526-1609), de nome latinizado para *Clusius*. A um francês se deve, porém, o primeiro tratado sôbre o café escrito por europeu, e o segundo por ordem cronológica na bibliografia cafeeira.

Foi êle o farmacêutico Philippe Sylvestre Dufour, autor dos *Traitez nouveaux et curieux du café, du thé et du chocolate*.(sic) livro hoje raríssimo, impresso em Lyon no mesmo ano que o opúsculo de Naironi (1671), reimpresso em 1864, na mesma cidade, e na Holanda, em Haia, em 1693.

Nesta obra, hoje aliás sobremodo rara, declara Dufour ter lançado mão, para explicar de

que modo foi o café descoberto, de uma memória do Sr. Fausto Naironi, professor das linguas caldaica e siriaca no Colégio de Roma, memória inserta no "Jornal Italiano dos Sábios" (sic) impresso em 1671, o que nos induz a supor que Naironi fez a primeira publicação do seu trabalho nesse periódico, para depois o imprimir em volume. Esta declaração de Dufour é mais um atestado em favor da prioridade que ao nosso maronita parece dever atribuir-se como patriarca da bibliografia cafeeira.

Aceitou Naironi como digna de todo o crédito a lenda de Omar e do rebanho de cabras abissínicas, no que foi criticado pelo famoso orientalista francês António Galland (1646-1715), ao traduzir, em 1699, um manuscrito árabe: De l'origine et du progrès du Café. Este trabalho, que em seu tempo gozou de muito crédito, foi, a seu turno, severamente criticado pelo célebre Sylvestre de Sacy (1758 — 1838), tido como o primus inter pares da antiga escola orientalista francesa.

Como é sabido, acusou muito a

Galland de ter feito traduções defeituosas do árabe, sobretudo quanto aos textos das Mil e uma noites.

A glória de Naironi consiste em sua prioridade como chefe de fila, como patriarca da bibliografia impressa do café, em volume de vulgarização científica, dado o seu carater fisiológico e médico.

Não é que, antes de seu trabalho, deixasse de haver impressos espalhados pela Europa, louvando as propriedades do de-cocto etiópico. Ele próprio, Naironi, conta-nos que vários avulsos corriam mundo tratando do café.

E, com efeito, além das referências de diversos autôres, há os prospectos conhecidos, impressos por Pasqua Rosée, que não se sabe se seria grego ou armênio, e passa por ter aberto o primeiro café público da Inglaterra.

E, realmente, de 1652 data-se uma espécie de grande cartaz, por elle mandado imprimir, exaltando as virtudes do café, sob o cabeçalho, em título grande, *The vertue of the coffee Drink*

XXIV

first publicely made and sold in England by Pasqua Rosée, *preciosidade extraordinária que se conta entre os incalculáveis tesouros do British Museum.*

Refere-se Naironi a uma Relação sôbre o café, impressa primeiro em Londres, reproduzida, certamente, depois de traduzida, em Génova, Florença e Roma, exatamente no ano da publicação do seu trabalho.

Nela se diz que a semente do cafeeiro é "fria e seca e, embora não aquecendo, nem inflamação, ajuda a digestão e avventa os espiritos. Útil às doenças dos olhos, reprime os vapores internos, sendo por consequência, muito propícia para combater as enxaquecas. Impede as fluxões catarrais, que da cabeça descem ao estômago, preserva o homem da tísica e elimina a tosse proveniente da inflamação dos pulmões".

Na Inglaterra, a experiência ensinava que aquele Reino muito aproveitara depois que usava esta bebida, sobretudo nos casos de hidropisia, podagra, e de outro género de doença chamada pelos ingleses "Scuroy" (sic).

Tudo isto se encontra no cartaz de Pasqua Rosée, de que há excelente reprodução no All About Coffee, de Ukers.

Nesta peça não existe "Scuroy", como aparece no livrinho de Naironi, e sim, perfeitamente nitido, "Scurvy" (escorbuto), que o nosso maronita não soube verter ou por êle os tradutores de Génova, Florença e Roma.

Não pode haver dúvida de que a referência naironiana se reporta ao cartaz de Pasqua Rosée.

Vejamos alguns dos seus típicos: vários deles, aliás, mutilados, porque o British Museum recolheu a preciosa peça bastante avariada.

"The quality of this Drink is cold and Dry; and though it be a Dryer, yet it neither heats, nor inflames more than hot Posset.

It's very good to help digestion. It quicks the Spirits and makes the Heart lightsome. It is good against sore eyes. It suppresseth Fumes exceedingly and therefore is good against the Head-ach, and will very much stop any Defluxion of Rheums, that distill from the Head upon the Stomack,

and- so prevent and help Consumptions; and the Cough of the Lungs. It is excellent to prevent and cure the Dropsy, Gout and Scurvy", etc.

Acompanha o nosso Naironi pari-passu o enorme elogio feito por Pasqua Rosée às virtudes do café, quando o misterioso grego, ou armênio, exalta-lhe os benefícios contra os abortos, as moléstias do baço, a podagra, mostrando-se ao mesmo tempo nem relaxante, nem adstringente do corpo nas funções intestinais, etc.

Não pode, para nós, haver dúvida possível: foi o conhecimento do cartaz de Pasqua Rosée que levou Fausto Naironi a compôr o seu De saluberrima.

Naturalmente a tanto também o levou a circunstância de ser oriental e haver largamente viajado nas terras do Oriente Próximo, na Síria, Palestina e Egito, onde já encontrou o café bebido em muito larga escala.

Não é crível que haja conhecido o primeiro, por ordem cronológica, anúncio de café pela imprensa, o que estampou The Publick Adviser, hebdomadário

londrino, entre 19 a 26 de maio de 1657, dezesseis meses antes do primeiro anúncio relativo ao chá saído no hebdomadário Mercurius Politicus, também londrino, entre 23 e 30 de setembro de 1658, segundo relata Ukers em All About Coffee.

Este mesmo autor estampa nessa obra diversos cartazes e panfletos ingleses, impressos, relativos ao café e anteriores ao livro de Naironi. Assim A cup of Coffee or Coffee in its Colours (de 1663), The Coffee Man's Granado discharged upon the Maiden's Complaint against Coffee (1663), The character of a Coffee house by an eye and ear witness (1665), News from the Coffee house (1667), todos estes quatro em versalhada.

O quinto Nature, Quality and Most Excellent Vertues of Coffee, data-se de 1670, é em prosa e mostra-se influenciado pelo cartaz de Pasqua Rosée.

Pela data da publicação se vê que ele não esteve provavelmente em mãos de Naironi que, como vimos, deve ter desconhecido a língua inglesa.

Dedicou o maronita o seu tra-

XXVIII

tadozinho a um membro do Sacro Colégio, o Cardeal Conti, da illustre casa romana que data do século XI e tanto brilho teve. Basta lembrar que deu um Sumo Pontífice, o Papa Inocência XIII (Miguel Ângelo Conti, cujo pontificado durou de 1721 a 1724). Longos anos núncio em Lisboa, assistiu às experiências de Bartholomeu de Gusmão, havendo sôbre elas deixado depoimento. Numerosos cardeais e outros dos mais altos dignitários da Igreja pertencem a esta família notável.

A um destes Conti, um dos imperadores da Alemanha concedeu o título de duque de Poli.

Um descendente deste duque, Paulo Conti, também duque de Poli, teve dois filhos, João Nicolau, bispo de Ancona, criado cardeal em 1664, e Carlos Conti, duque de Poli, primeiro gentilhomem da câmara da famosa rainha Christina da Suécia.

Este Carlos veio a ser o pai do futuro Inocência XIII, que, assim, era sobrinho do cardeal a quem Naironi dedicou o seu livro.

Conta-nos o nosso autor que

entre os grandes propagandistas do café se arrolava Innocêncio Conti, parente do cardeal, Vice-Governador Geral dos Estados da Igreja e antigo cabo de guerra, com campanhas da Guerra dos Trinta Anos e da Dalmácia, contra os turcos.

Gabava, e muito, este ilustre militar o café como digestivo e tomava-o "várias vezes por semana". Esta ingestão em tão modesta escala prova que ainda não se generalizara o hábito diário do decocto da java arábica.

Conserva o nome de Naironi grande reputação entre a gente de sua raça. De tal me coube interessante demonstração que aqui deixo consignada por me parecer pitoresca.

Tive, certa vez, que receber a visita do arcebispo Maronita do Líbano, vindo de Buenos Aires, onde assistira ao grande Congresso Eucarístico Universal.

De regresso à patria, aportou a Santos, subindo a São Paulo.

Acompanhado de numerosas personalidades de destaque da

XXX

colônia sirlo-libanesa paulistana, foi visitar o Museu Paulista.

Era homem idoso, de belo e grave aspecto, falando francês com a maior correção.

Muito apreciei com êle conversar, em prosa cerrada e longa. Deu-me muitos informes sôbre a situação do catolicismo no Líbano e na Siria, sempre interessantes e úteis, mostrando-se muito inteligente, culto e bem informado.

No decorrer da conversa, referiu-se à contribuição maronita ao orientalismo na Itália. Falei-lhe, então, no nome de Naironi.

Mostrou-se sobremodo surpreso. Tão admirado que, como num ato reflexo, começou a falar em árabe aos seus acompanhadores.

Proferiu algumas frases em que várias vezes distingui o nome do patriarca da bibliografia cafeeira. Para mim olhou várias vezes e seu espanto fez com que os seus amigos também me fitassem curiosos.

Voltando a falar francês, interpelou-me: "O Sr. conhece Naironi? Mas como é que o Sr. conhece Naironi? E' simplesmente

espantoso! Fique sabendo que se trata de uma das mais puras glórias do intellectualismo libanês tradicional. Que surpresa encontrar um brasileiro que saiba da existência de Naironi! Prodigioso!"

Antes de dar ao bom arcebispo a chave da minha "ciência", resolvi fazer a minha "fitinha" ou, já que falavamos em francês, a minha "esbrouffe".

— Conheço perfeitamente não só quem foi Naironi como ainda sei que teve como tio Abrahão Ecchelensis.

— Abrahão Ecchelensis! — exclamou o prelado, ainda mais admirado. — Mas o senhor é orientalista? Dedicase acaso ao estudo do sírio-caldaico, do árabe? A história das Igrejas do Oriente?

Era demais abusar de mera circunstância fortuita de aproximação de assuntos para me arvorar em gralha empenada de pavão orientalista.

Contei, então, ao antistite que a incumbência recebida do Departamento Nacional do Café, de escrever sobre os fastos da rubid-cea no Brasil, me proporcionara

o ensejo de conhecer a De saluberrima potione cahue seu café. Dai a necessidade de procurar saber alguma coisa sobre a personalidade do sábio maronita.

Sobre elle discorreu bastante o arcebispo, contando-me que o nome de Naironi é tido na mais alta conta entre os libaneses, sobretudo graças aos estudos histórico-religiosos, a respeito da origem do culto maronita.

— E assim às vezes se cria imerecida reputação, Sr. Arcebispo! — observei ao meu illustre interlocutor. Não fôra a explicação que lhe dei, ficaria V. Ex. intrigadissimo com o fato de haver encontrado em São Paulo, terra tão distante da sua, um brasileiro sabedor da existência de Antônio Fausto Naironi e Abrahão Ecchelensis.

— Realmente assim seria, — concordou o prelado, rindo-se. O Sr. testemunhou a surpresa que me causou o incidente. Em todo o caso, fico satisfeito em saber que, graças ao livrinho de Naironi, mais um laço se estabeleceu entre o Libano e o Brasil. E estou certo de que o senhor fará justiça à memória histó-

rica dêsse patriarca da bibliografia cafeeira universal, meu compatriota ilustre, desenvolvendo-lhe a biografia e tornando-a conhecida dos brasileiros.

Dêste encontro com o eminente prelado oriental me veio a sugestão de publicar, mais dias menos dias, o De saluberrima, o que agora faço, valendo-me da magnífica tradução de um dos mais notáveis humanistas do nosso país.

Falando acerca de tal possibilidade a Theophilo de Andrade, achou êle excelente a idéia. E a êste propósito, com o apurado pendor estético e o gôsto pelas coisas tradicionais, ao serviço de agilima inteligência, imediatamente sugeriu: "Esplendido será que editemos o livrinho em tiragem fac-similar antecedendo a tradução e os comentários. Constituirá bela homenagem do Departamento Nacional do Café ao patriarca da bibliografia cafeeira universal".

É o que esta tiragem, aprovada pelo Presidente do Departamento, Sr. Jayme Fernandes Guedes, que, com tamanho empenho, tem sempre impresso à sua

XXXIV

*grande autarquia elevado feitio
de apurada cultura, procura signi-
ficar: uma homenagem nacional
ao mais velho tratadista cafeeiro
e propagandista de "Coffea Bra-
siliae fulcrum".*

AFFONSO DE E. TAUNAY



DE SALVBERRIMA
POTIONE
CAHVE,

SEV

CAFE

Nuncupata

D I S C V R S V S

FAVSTI NAIRONI BANESII
Maconitz,

*Linguae Chaldaicae, seu Syriacae
in Alio Verbis Arabigym-
nasio LeFortis*

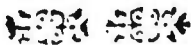
Ad Famaentis, ac Reuerendiss.

PRINCIPEM

D. IO. NICOLAVM

S. R. E. CARD.

DE COMITIBVS.




Romae, Typis Michaelis Mercatoris 1691.

apud Michaelis Mercatoris

Eminentissimo, ac Reuerendissimo
PRINCIPI
D. IO. NICOLAO
S.R.E. CARD.
DE COMITIBVS

Faustus Naironns Banefius
Maronita felicitatem .

 **VM Orientē,**
Eminētissime
Princeps, vfq;
de an. 1650.
peragrauerim, cūmque
varia ductus curiositate
adnotauerim, hanc, in-
ter alia, potionem, quæ
Cahue, feu Cafe nuncu-

patur diligenter exquisi-
ui, & quę de hac vti
oculatus testis vidi, au-
diui, & expertus sum, en
paucis pro bono publi-
co exhibeo lineis, quas
ideò non nisi Tibi, qui
summo populorum ap-
plausu in Tuis susceptis
muneribus, bonum pu-
blicum, & in temporali-
bus, maximèque in spi-
ritualibus fouisti ser-
per, ac foues, humillimè
offero. Ne igitur hoc
meum pro bona valetu-
dine dedigneris munus-
culum

culum, pro ea enim tuē-
da, nequaquam quanti-
tas in medicamine attē-
ditur, sed qualitas, quæ
etsi tenuissima extaret,
tanto sub Principe grā-
dior euadet, atque per-
fectior. Vale.

Imprimatur, si videbitur
Reuerendis. P. Magi-
stro S.A.P.


*I. de Ang. Archiep. Urb.
Vicesg.*



Imprimatur
Fr. Hiacynthus Libcilus
Magister S.A.P.

Ad

Ad Lectorem:

 **OVVM** hoc potionis
genus Casè, per Euro-
pam, modòq; per
hanc Romanam Urbem dif-
fusum, nonnullos eos Cini-
bus terruit, de eius qualita-
te, ac bonis effectibus prorsus
ignaros; Ideoque Potionem
hanc pro tua securitate, beni-
gne Lector, hoc breui discur-
su libèrissimè propinandã ego
met suscepi, ut ea liberè uti-
ris; Experientia enim docet,
Toti Orienti, qui non est mi-
nima Terrarũ pars, multũ
profuisse, ac prodesse; quare
ut omne à te dubium expel-
las Tibi his paginis ostendo
proprietas huic potioni ad-

*dictas, ac bonos pro tua va-
leudine effectus, experien-
tia, atque Scriptorum aucto-
ritate approbatos, & ut fa-
cilis ab omnibus intelligen-
tur vulgaribus usus sum,
stylo, ac vocabulis. Interim
Deus te seruet incolumem.*



Cum



V M Deus Opti-
 mus Maximus sa-
 luti, bonæq; mor-
 talium valetudini, atque
 incolumitati sit semper in-
 tentus, ut ab illis omnia
 illorum opera summo di-
 rigantur Opifici, maiori-
 busque, ac validis viribus
 diuina eius ab ipsis obser-
 uentur præcepta, quidquid
 boni in herbis; quidquid
 pretiosioris in lapidibus,
 quidquid perfectioris in
 animalibus concludit, sum-
 ma eius munificentia mor-
 talibus tribuit; & quia
 subtilissima hominum in-
 genia omnia naturæ mira-
 cula, hoc est naturalium
 rerum virtutes, atque

A 5 pro-

proprietates adinuenire, ac perscrutari nequiere
 mirabilis Deus summo erga nos exardescens amore incognitas rerum virtutes, cognitatas nobis vel fortuitò in pluribus reddidit, vel quod mirabilius est rationabilia ab irrationalibus edocta, secretiores, hæc, naturæ effectus, quinimò ipsammet medendi rationem, illa in multis edocuere, sic Diamnum herbam ad extrahendas sagittas, & alia similia ex vulneribus utilis Cerui hominibus monstrare, vt notat Matthiolus in 2. Dioscoridis; obseruatum enim fuit in Regno Cretæ

Cretæ à Venatoribus, Cer-
uos pastu illius herbæ tela
eijcere ex vulneribus

Chelidonium visui sa-
luberrimam ait Polidorus
Virgilius lib. 1. cap. 21. hi-
rundines docuere, oculos
enim pullorum vexatos il-
la medentur, & subdit A-
pros in morbis hedera
sibi mederi : Mustela in
anguium venatu ruta sibi
salutem quærere, & Cico-
niam origano

Ab Hippopotamo, hoc est
Equo fluuiali (quod est
animal in Nilo) Medici
mittere in morbis sangui-
nem, quod phleboroma-
re vocant didicerunt, assi-
dua namque satietate gra-

uedinosus factus; exit in
 littus, recentes arundinum
 caesuras perspeculaturus,
 atque ubi acutissimum vi-
 det stipitem, imprimens
 corpus, venam quandam
 in crure vulnerat, atque
 ita profluuio sanguinis mor-
 bidum corpus exonerat,
 plagam verò rursus limo
 obducit, sic habet idem
 Polidorus, & Matthiolus
 locis citatis.

Ibis est quædam avis
 soli Aegypto peculiaris,
 & Ciconiæ non absimilis,
 quæ ut tradit Plinius lib.
 8. cap. 27. Clysteris usum
 prima cōmonstrauit, quòd
 consuetudinem habeat se
 repurgandi rostri adunci-
 tate

tate, eam perluens partem,
qua ciborum onera red-
duntur -

Galenus lib. 11. de sim-
plicium medicamentorum
facultatibus ait, cùm qui-
dam Messores, diurnum
post laborem voluissent se
reficere vino, relicto in
agro in quodam fictili, &
dum pro more impleuis-
sent craterem, vna excidit
Vipera mortua, quare at-
toniti Messores, veriti, ne
quod si bibissent indè sibi
malum eueniret, suam
quidem sitim aquæ potio-
ne sedare maluerunt; Cæ-
terùm cùm illinc discessis-
sent præ humanitate, ac
misericordia, homini cui-
dam

dam Elephāti morbo (qui est quoddam perniciosioris Lepræ genus) obnoxio, vinum illud largiti sunt, rati expediri illi potius mori, quàm viuere in eam miseria; at ille ubi bibisset admirabili modo sanitati restitutus est, vndè factum est, vt in horum morborum curatione, vinum viperatum adhibeatur, & subdit Galenus paulò inferius hoc esse experientiæ fortuitæ documentum

Pari ratione dicendum est, hanc potionem Cahue, seu Cafè nūcupatam fuisse fortuitæ experientiæ documentum, vti ex narrandis patebit.

Con-

Conquerebatur enim
 quidam Camelorum , seu
 vt alij aiunt , Caprarum
 Custos , vt communis O-
 rientaliũ fert traditio, cum
 Monachis cuiusdã Mona-
 sterij , in Ayaman Regio-
 ne, quæ est Arabia Fçlix ,
 sua armenta non semel in
 hebdomada vigilare , imò
 per totam noctem , præter
 consuetum saltitare; Illius
 Monasterij Prior curiosi-
 tate ductus , hoc ex pas-
 cuis prouenire arbitratus
 est , & attentè considerans
 vnà cum eius socio locum
 vbi Capræ, vel Cameli il-
 la nocte , qua saltitabant
 pascebantur , inuenit ibi
 quædam arbuscula , quo-
 rum


rum fructibus , seu potius baccis vescebantur; huiusce fructus virtutes voluit ipsemet experiri, ideoque illos in aqua ebulliens statim illorum potum noctu vigilantiam excitare expertus est , ex quo factum est , ut à Monachis quotidie adhiberi propter nocturnas vigilias iusserit , ut promptiores ad noctis assisterent orationes ; ac quia ex hoc quotidiano potu , cum varios ac saluberrimos pro humana salute, ac bona valetudine effectus in dies experirentur, per vniuersam paulatim regionem illam, deinde per alias Orientis Pro-
uin .

uincias, ac Regna temporis progressu nouū huius potionis genus, fortuitò, ac mirabili Dei prouidentia ea diffusum est salubritate, vt ad Occidentales etiam, ac præsertim, Europæas peruaserit plagas

Primos igitur huius potionis Inuentores ex Caprarum, seu Camelorum, vt ita dicam nutibus, supradictos ferunt extitisse Monachos Christianos, vt ipsimet Turcæ fateri vt plurimum assolent, in quorum gratiam, animique obsequium pro illis fundunt preces, ac præsertim Turcæ illi, qui sunt huius

huius potionis ministratores, ac distributores, proprias enim hi, ac quotidianas habent preces pro *Sciadli*, & *Aidrus*, quia hæc supradictorum Monachorum fuisse nomina asserunt.

Magna horum arbusculorum copia in Arabia Felici inuenitur, quæ fructus ferunt ad instar Cacao, sed scissos per longum sicut os Dactyli, binique diuiduntur in eadem cortice, qui fructus duo sortiuntur nomina, primū est nomen fructus, secundum autem potionis; fructus igitur vocatur Ban, & Ben, Bon, & Bun, eo quia

quia Arabes cū nō nisi literas conscribant consonantes, ideoq; scribant  cum tesdid super litteram ꝛ quod signum in pronunciatione habet vim reduplicandi illam litteram, super quam est tesdid, & legitur quasi cum duabus literis ꝛ sic Bnn; super quas litteras consonantes æque benè cadit vnaquæque dictarū vocalium, ideoque alij legunt Ban, & Ben, vti nonnulli ex Orientalibus, alij Bon, vt Alpinus, alij Bun, seu Bunch vti Cotouicus, & Auicenna, sicut inferius suo loco videbitur. Sed postquam hæc semina cōtrita

erita ebulliunt in aqua, nuncupantur Cahue, seu Cafe, non secus ac frumentum, quod postquam molitur mola, non amplius frumenti, sed farinae nomen retinet; sic etiam, potio, quæ fit ex vua vocatur vinum, & non vua, licet vinum non sit aliud quam ipsamet vua expressa: nomen enim Cafe non fructus, sed potionis est nomen

In duas diuiditur species, vna namque in albū tendit colorem, altera in citrinum ita obscurum, ut videatur tendere aliquantulum in viridem, & hæc est alia præstantior, ac perfect-

fectior, quia in ebullitione, eius aqua valdè oleosa apparet: de hac duplici specie loquitur etiam Auicenna lib. 1. tract. 2. vti suo loco patebit. Duas habet cortices, prima exterior nigra, secunda & interior alba, cuius conficiendæ; potionis hic est modus.

Semen hoc, seu fructus debet in puluerem prius redigi, & vt facilius conteratur, igne in lagena, aliquantulum vstulatur, donec in colorem vertatur violaceum obscurum, si enim penitus exsiccaretur nullius esset roboris, quare ne comburatur, cocleari;

cleari, seu alio instrumen-
 to continuò commiscetur,
 & statim in mola trusatili,
 seu in marmore pistillo li-
 gneo subtilissimè contun-
 ditur, & subcerniculo cer-
 nitur, poniturque in aqua
 ebullienti in vase stamni,
 quod Italicè dicitur *Cu-
 cumo*, seu in fictili vi-
 triato, vel uti in Aegypto
 in vase lapideo cælis cla-
 borato; & quia statim ac
 puluis hic in aquam fun-
 ditur ebullientem egurgi-
 tatur, ideo vas ab igne
 amouetur, aliquando per
 duas, vel tres vices, quo-
 usque puluis incalescat, &
 in aqua cõmiscetur; tunc
 enim postquam aliquan-
 tu-

tulum ebulliuerit, bibitur
 sic ebulliens, vel potius
 guttatim sorbetur in fide-
 lijs, seu scutellis, & fæces,
 quæ in illis remanent abij-
 ciuntur

Non solet ab Orienta-
 libus sumi ieiuno ventre,
 tunc enim flauam bilem
 commouere aiunt, dum
 enim eam sumere cupiunt
 de mane, comedunt prius
 frustum, seu pauxillum
 panis, aut quid simile.

De quãtitate huius pul-
 ueris ponenda non datur
 regula certa, sed vt pluri-
 mùm in tribus libris aquæ
 solent poni duæ pulueris
 vnciæ, & qui in fundo re-
 manet inseruit etiã pro se-
 quen-

quēti die cum pauca eiusdem pulueris additione .

Centum ferè ab hinc annis frequentior huius potionis vsus in Aegypto cæpit vigere, quod deducitur ex Authoribus , qui Turcarum mores, cibos, ac potiones scripserunt , qui antè supradictum tēpus enumerando varias Turcarum potiones , nullam de Cafè mentionem faciunt , vt videre est in Ludouico Bassano , qui scripsit de anno 1545. in Ioanne Antonio Menauino de anno 1548. & in Francisco Sansouino lib. 1. & 3. historiarum Turcicarum de anno 1563. tres tan-

tantum enumerant Turcarum potiones, nimirum *Sorbettum*, quod fit aqua saccharo diluta, vel succo citrinorum mixta; Secunda est illa, quæ vocatur *Sciostarh*, quæ componitur ex melle, & visis passis aqua mixtis; Tertia est *Pechmez*, quæ fit ex musto cocto aqua diluto.

Iacobus tamen Cotouicus Ultraiectensis in suo Itinerario Hierosolymitano anno 1598. inito, post trium supradictarum potionum enumerationem, differit etiam accuratè de quarta, quæ est *Casè*, uti hic inferius videbitur

Quid autem de hac po-

B tione

rione Authores disserant,
 & quid de eius sentiant
 qualitate, atque effecti-
 bus, legenti ex dicendis,
 atque adnotandis patebit.

Auicennam citat Alpi-
 nus locutum fuisse de
 hoc semine, sed ubi de
 illo disserat non est nota-
 tum; puto tamen Bunch,
 de quo Auicenna loqui-
 tur lib. 1. tra&. 2. esse verè
 hoc semen, de quo tra-
 &amus, primò, quia apud
 Arabes vocatur etiam
 Bunch, vti notat Iaco-
 bus Coronicus cap. 7. Iti-
 nerarij Hierosolymitani,
 ubi de hac loquens portio-
 ne sic ait, *Cahua, seu vs-
 atj volunt Bunnus, seu
 Bunch*

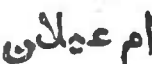
Bunch. Secundo, quia eadem proprietates, idemque effectus, qui sunt huic addicti semini, sunt etiam huic Auicennæ Buncho proprii, & inuenitur in ipsamet Regione, hoc est in Ayaman, seu Arabia Felici, sic enim habet in loco supracitato *Bunchum* quid est, est res delata de Iamen, quidam autem dixerunt, quod ex radicibus Anigalen, cum antiquatur cadit. Electio, melius est citrinum, & leue boni odoris; album vero, & graue est malum. Natura est calidum & siccum in primo, secundum quosdam est frigidum in primo. Opera-

tiones , & proprietates ,
confortat membra . Deco-
 ratio , *mandificat carnem* ,
 & *exsiccat humiditates, que*
sunt ab ea , & facit odorem
corporis bonum , & abscin-
dit odorem Psilothri. Mem-
 bra nutrimenti : *est bonum*
stomacho .

Eiusdem opinionis vi-
 detur esse Ioānes Veslin-
 gius , qui in adnotationi-
 bus in Bon Alpini cap. 16.
 ait , *cumque Buncho Auicennæ arbitrantur*

Sed forsan quis contra
 asserta arguet, fructum
 hunc , seu semen minimè
 ex radicibus nasci , sed ex
 arbusculis , ideoque hunc
 fructum *Bunch Auicennæ* ,
 quem

quent ex radicibus Anigailen colligi ait, non conuenire cū nostro hoc Bon, de quo differimus

Pro huius difficultatis solutione notandum est: textum Arabicum Auicennæ, ex quo desumptus est præfatus textus Latinus duplicem habere sensum; In textu enim Arabico non legitur *Anigailen*, sed *Am Gailan*,  quod in duas diuiditur dictiones, & non legitur sub vnica tantum dictione, vti habetur in textu Latino; at quia *Am* in idiomate Arabico explicatur, *seu*, *vel*, ideoque hæc Auicennæ au-

thoritas potest sic explicari, *Bunch* est res delata de la men, quidam autem dixerunt ex radicibus, seu ex *Gailan*, quod forsitan est quoddam illius Regionis arbusculum

Secundò *Am Gailan* quamvis duæ sint dictiones, potest tamen esse cuiusdam arbusi nomen, ut vult Antonius Giggeius in Thesauro Linguae Arabicae, & licet legatur *Bunch*, est ex radicibus *Am Gailan*, debet hic intelligi, fructus nequaquam esse in radicibus, sed in arbusculo *Am Gailan* nuncupato; si enim esset in radicibus, immediatè non lege-

degeretur, *cum antiquatur, cadit*; dum enim dicitur fructus cadere, præsupponitur ab alto cadere, igitur ex arbusculo, & non ex radicibus, quæ sunt sub terra; isti namque fructus verè colliguntur, & cadunt dum antiquantur, seu exsiccantur. Cæterùm Avicenna quidquid dicat in hoc textu, an iste fructus sit ex radicibus, vel ex arbusculis pro certò non habet, refert enim tantùm nonnullòrum opinionem, quod clarè deducitur, dum dicit, *quidam autem dixerunt*; supradicta ergò ex se minimè profert.

Præfatus igitur Iacobus Cotouicus in fine capituli septimi Itinerarij Hierosolymitani sic ait: *Ad hæc quotidiana quadam utuntur potione, quam Cahua Arabicè indigitant, Italianè Caus; aqua hæc instar atramenti nigra, gustu amara, in herba cuiusdam semine (cui Cahua, vel ut alij volunt Bannu, seu Banchi nomen est, & in Aegypto copiosissimè nascitur) decocta, stomacho prodesse, corroborare cerebrum, ac noxium expellere humorem fertur; Semen id mola trassili prius contusum, vel coce contritum, aqua decoquitur in hunc ferè modum,*

Des-

Sesquilibrum seminis vigin-
 silibris aqua immiscens, quã
 ad dimidiã partis consum-
 ptionem bullire sinunt, eam-
 que calidissimam, ac ferè
 bullientem fidelis Indicis,
 vulgò Porcellanis bibunt,
 vel potius gustatim sorbent,
 sibi que inuicem propinans
 tam lentè, ut interdum inte-
 gra hora unam fideliam,
 vix epotent exhauriantur,
 quod quidem ea se ratione
 facere asserunt, ne simul, &
 feces, que paulatim sidunt,
 ebibant, eas siquidem uti
 noxias absorpta aqua abij-
 ciunt. Sunt ex plebe quam-
 plurimi, qui bazarros, vias-
 que publicas matutino præ-
 sertim tempore percurrunt.

B 5. aquam

aquam hanc venalem cir-
 cumferunt, & foculo suppo-
 sito calefaciunt, calefactam
 poscenti porrigunt, nec nisi
 calidissimam præbent. Nul-
 li siquidem vitio vertitur
 aut dedecori, cuiuscunque
 demùm conditionis, aut reli-
 gionis sit, si eam in publico
 bibat; ad publica verò di-
 versoria singulis ferè horis,
 aquæ huius (cuius sunt ap-
 petentissimi) potanda causa
 infiniti conveniunt, & con-
 fabulationibus serunt tem-
 pus

Quòd autem iste Au-
 thor ait de aqua huius
 potionis, quòd videlicet
 ad dimidiæ partis con-
 sumptionem bullire sina-
 tur,

tur, modò non attenditur, dum satis est, vt vnà cum puluere aliquatulum ebulliat.

Prosper Alpinus Medicus Venetus in lib. de Plantis Aegypti cap. 16. sic ait: *Arborem vidi in Viridario Alibei Turca, cuius in Iconem nunc spectabis, ex qua semina illa vulgarissima Beni vel Bam appellata producuntur, ex his omnes tum Aegyptij, tum Arabes parant decoctum, vulgarissimum, quod vini loco ipsi potant, venditurque in publicis emporijs, non secus quàm apud nos vinum, illique ipsum vocant Cabas. Hae semina ex Falici Ara-*

bia asportantur ; Arber ,
 quam me inspexisse dixi ,
 Eunonso similis observata
 est , sed tamen folia crassio-
 ra , durioraque habebat , vi-
 ridiora , perpetuoque viren-
 tia . Vfus est illorum semi-
 num omnibus notissimum ;
 ad parandum iam dictum
 decoctum , quod quo pacto
 ab illis paratur alias à me
 dictum est . Utuntur tamen
 eius decocto ad roborandum
 ventriculum frigidiorum ,
 adinuandamque concoctio-
 nem , & non minus ad anse-
 rendas à visceribus obstru-
 ctiones , in tumoribus hepa-
 tis , lienisque frigidis , &
 antiquis obstructionibus fe-
 liciori cum successu decoctum
 ma-

multos dies experiuntur ,
 quod etiam verum maxi-
 mè respicere videtur ; ipsum
 enim excalescit , obstructio-
 nesque ab eo auferit , sic enim
 familiari usu est apud om-
 nes Aegyptias Arabesque
 mulieres , ut semper dum
 fluunt menses ipsorum , va-
 cuationem huius decocti fer-
 uentis multum paulatim
 sorbillantes adiuuent ad pre-
 mouendos etiam in quibus
 suppressi sunt . Usus huius
 decocti purgato corpore mul-
 tis diebus utilissimus est .

Avicenna de his semini-
 bus meminist , similisque , vel
 eosdem usus à me narratos
 memoria prodidit , ipsumque
 semen calidum in tertio , &
 siccum

siccum in secundo gradu consistens, quod tamen verum esse videtur, quando semen sapore dulcescat cum parvo amarore, nullamque acrimoniam præferat; nihilominus ipsum obstructionibus viscerum, frigidisque tumoribus hepatis, vel lienis multum conferre docuit, sed ait stomacho nauseam concitare, pituitamque purgare, atque multa alia hæc semina præstare experientia penès Aegyptios didici, atque hæc est Arbor, quam Cayri olim inspexeram.

Ioannes Veslingius in adnotationibus in præfatum caput 16. Alpini, putat Bon esse Bunch Aui-cennæ

cennæ, fateor enim idem esse Bon., & Bunch, sed citatio Alpini non conuenit cum Buncho Auicennæ; tradit enim Alpinus, opinionem Auicennæ esse, quod hoc semen sit calidum in tertio, & siccum in secundo, & idem Auicenna loquens de Buncho, uti superius innuimus ait, quod est calidum, & siccum in primo, secundum quosdam est frigidum in primo; manifestè ergo deducitur Alpinum dum Auicennam citat, nullo modo loqui de Buncho, sed de aliquo alio semine usque adhuc mihi incognito, & à me non

non inspecto eo quia ab Alpino locus Auicennæ non citatur.

Ioannes Bahuinus in historia Plantarum lib. 8. cap. 21. loquitur de Calaf, seu Ban Alpini, ideoque aliqui arbitrati sunt, esse hunc fructum Bon.; gratis autem hoc illos asserere colligo; nam idem Alpinus distinguit Calaf, seu Ban, à fructu Bon.; differit enim de primo cap. 15. & de secundo cap. 16. quod etiam aperte colligitur ex subsequētib; citat nimirum præfatus Author Bellun. qui in interpretatione Arabicorum nominum ait, hoc

ar-

arbusculum fructus non
 ferre, sed tantùm flores,
 ex quibus inquit Alpinus
 distillari aquam *Macalef*
 vocatam, ex quibus eui-
 dentissimè deducitur ar-
 busculum *Calaf*, seu *Ban*,
 de quo loquitur *Bahui-*
cus, non esse arbusculum
Bon, hoc enim fert fru-
 ctus, non autem flores, vti
 vsque adhuc demonstra-
 uimus

Petrus *della Valle* tùm
 nobilitate, tùm in conscri-
 bendis accuratè suis iti-
 neribus celeberrimus in
 epistola tertia *Constanti-*
nopoli conscripta die
 septima Februarij 1615.
 inter *Turcarum* pouones
 enu-

enumerat *Cahue*, & ait, illam multum conferre sanitati, adiuuat nimirum concoctionem, ventriculum corroborat, ac fluxiones reprimat catarrhales; post coenam si sumatur incitat vigiliam, ideoque prodest illis, qui noctu studere cupiunt.

Dominicus Magrus Melitensis in epistola ad Eminentissimum Cardinalem Brancaacium conscripta, differens de *Cafè*, post fructus descriptionem, de eius qualitate, atque effectibus sic sentire videtur, nimirum quod semen hoc ex sui natura est calidum, & siccum, ideoque cor-
robo-

roborat vĕtriculum, adiu-
 uat concoctionem, dum-
 modo vna hora post ci-
 bum sumatur, prodest ca-
 tarrho, ac mirabiliter ca-
 pitis leuamini, expellit
 somnum, ac pro studen-
 tium vigilijs proficuum
 est, sensus venerei motus
 etiam reprimitt, hominem-
 que castum seruat, pro-
 dest magis hyeme, quàm
 æstate, eiusque sumptio
 efficacior est sine cortici-
 bus ipsiusmet seminis;
 Orientales Cafè bibunt
 omni tempore, imò etiam
 in mensis vini ad instar, &
 illi, qui hac vtitur potio-
 ne maximum erit iuua-
 men, & potest liberè su-

mi per quatuor vices in vna hebdomada , quia nunquã auditum est alicui nocuisse; & paulò inferius subdit ; aufert obstructions , & opilationes , & experientia nos docet Caffè fluxiones expellere catarrhales , aliasque infirmitates ex Iecoris fodi- na prouenientes , & hæc absque stomachi nocumẽto operatur : quamobrem Turcæ vt plurimùm nunquam fluxionibus , neque dentium dolore , nec Podagra , neque similibus laborant morbis .

Idem Author affert epistolam cuiusdam Medici Constantinopoli exar-
ratam

ratam ad quendam virum
 illustrem Epidaurum, in
 qua variæ leguntur huius
 potionis sequentes pro-
 prietates, atque effectus;
 prodest mulierum men-
 struis, illisque pulcherri-
 mum confert carnibus co-
 lorem, viuacitatem oculo-
 rum, alijsque corporis par-
 tibus; prodest etiam mor-
 bis hemoroidalibus, nec
 non Viatoribus, qui hac
 vtuntur potione, labori-
 bus enim resistunt diei, ac
 siti, noctisque vigilijs;
 proficua etiam est pro do-
 lore Podagræ, pro dimi-
 nutione, & prouocatione
 menstrui, & quamuis om-
 nes sint effectus inter se

con-

contrarij; nam vigilia, qua omnes auget dolores, nequaquam Podagræ dolorem deberet minuere; sitis humido moderatur, & vigilia sicco fouetur, & tamen hos duos contrarios effectus, se expertos fuisse ait. Deindè subdit, ab omnibus humoribus aufert opilationes, & reprimit vapores stomachi ad caput, & concludit debere sumi simpliciter, & sine saccharo, cuius opinionis est etiam præfatus Dominicus Magrus in eadem epistola.

In Relatione huius positionis impressa primùm
Lon-

Londini in Regno Angliæ, & postea Genuæ, Florentiæ, & hoc anno hic Romæ legitur; semen hoc esse frigidum, & siccum, & quamvis exsiccet non calefacit, neque inflamat, adiuuat concoctionem, spiritus viuificat; eius fumus prodest oculorum morbis, fumos reprimit internos, ac per consequens capitis dolores, fluxiones impedit catarrhales, quæ ex capite descendunt in stomachum, præseruat hominem à tabe, & aufert tussim inflammationis pulmonum.

In Anglia experientia
do-

docuit, illi Regno, postquam hac vſa eſt potione multum profuiſſe, ac præſertim in Hydropiſia, Podagra, ac alio cuiuſdam morbi genere ab Anglis *Scurroy* vocato

Experitur omnibus portionibus exſiccantibus perfectior pro ſenibus, & pueris, qui humoribus patiuntur frigidis

Prodeſt mulieribus prægnantibus, vt benè partus ferant, atque etiam illis, quæ menſtrua amiſerunt per tres, vel quatuor menſes

Valdè proficua eſt pro morbo ſplenis, ſeu pro opilationibus, ventofitatibus

tibus hippocondriacis , &
pro his similibus .

Impedit somnum , ideo-
que qui non vult vigila-
re , illam post cœnam non
sumat .

Obferuatum est in Tur-
carum Regionibus , vbi
continuò hæc potio sumi-
tur , non regnare neque
morbum Calculorum , ne-
que Podagræ , neque hy-
dropifiæ

Non est relaxatiua cor-
poris , neque astringens .

Ioânes Veslingius addit
hanc valdè prodesse cùm
cor , aut ventericulum lan-
guor occupat .

Istæ ergo sunt ex præ-
fatis Authoribus Cafè sa-
lubres

Iubres pro humana salute
 qualitates, atque effectus,
 quorum aliquos egomet
 eum Orientales an. 1650.
 perlustrauerim plagas ex-
 pertus sum; multum enim
 pro concoctione cibi, pro
 corroborazione stomachi,
 ac pro noctis vigilia mihi
 profuit.

Pater Ludouicus Gian-
 ninus è Societate Iesu,
 Regni Galliaë Substitutus,
 mirabilia de hac narrabat
 potione, & ipse forsan
 inter primos hic Romæ
 illa vsus est, & iam se-
 nex omnibus restitit labo-
 ribus diei, & noctis in-
 suæ Religionis negotijs,
 & fatebatur suam bonam
 vale-

valetudinem ex potione
 Cafè prouenisse, & sæpè
 sæpius vt illam sumerem
 me hortabatur; adhuc vi-
 uit in Gallijs octuagena-
 rius

Idem planè mihi asse-
 rebat Antonius Sangior-
 gius nobilis Bononiensis
 Cardinalis Bernardini Spa-
 dz familiaris, qui ean-
 dem expertus est utilita-
 tem, ac præcipuè in flu-
 xionibus catarrhalibus,
 quibus antequam ea vte-
 retur, valdè laborabat,
 & obiit Romæ ferè sep-
 tuagenarius

D. Innocentius ex no-
 bilissima Romanorum de
 Comitibus familia, Status

Ecclesiastici Locumtenēs
 generalis, ea non semel
 in hebdomada me præ-
 sente potabat propter cibi
 concoctionem; hæc ta-
 men illi non profuit ad
 expellendas quas sustu-
 lerat calamitates tum in
 belli expeditionibus in
 Germania sub Ferdinando
 Secundo, & Tertio Im-
 peratoribus mirè patratīs,
 tum in Dalmatiæ muni-
 mine pro Catholica Reli-
 gione contra Turcas in
 ipsismet feruentissimis an-
 ni ardoribus, quibus de-
 stitutus laboribus adhuc
 quadragenario maior non
 sine Europe lacrymis Ro-
 mæ occubuit

Quo-

Quomodo autem ex hac potione oriatur effectus contrarij , & isti an proueniant ex qualitate calida & sicca , an verò ex qualitate frigida , hoc Physicis relinquo; obseruandum tamen est; huius potionis colorem nigrum, saporemque amarum non prouenire ex sui natura , sed per accidens propter vstulationem seminis ; semen enim ex se est album , adeoque gustui gratum cum aliqua dulcedine , vt vix leuissima percipiatur amaritudo , vt videre est in citato loco Alpini : Ideoque Orientales opi-

nantur, hoc semen æquè
 participare de calido, ac
 de frigido, hac videlicet
 ratione; existimant enim
 cortices huius seminis es-
 se frigidæ qualitatis, sed
 ipsummet semen esse tem-
 peratæ qualitatis, & ren-
 dere aliquantulum ad ca-
 lidam, quod idem vide-
 tur annuere Petrus *della*
Valle in citata epistola
 tertia Constantinopoli e-
 xarata, & Ioannes Ves-
 lingius in notis ad caput
 16. Alpini, ubi ait: *Qua-*
litatum, quas manifestas
vocant harmonia in hoc fru-
tu dispar est Cortex enim
frigidi particeps, cum exu-
perante tamen siccitate, nu-
cleus

cleus verò moderate cali-
cus; Ille levi quadam aci-
ditate, hic evidenti amari-
rudine lingue sensum haud
inclementer afficit; Itaque
nec stomacho nauseam in-
ferre, quantumvis largius
decoctum hauriatur, nec in-
tenfiore caloris gradu ei-
dem infestus est, saltem mo-
dicè torrefiat, atque in
marmore pistillo ligneo con-
tusum fit; Corticis decoctam
inter astuos ardores rectius
febricitantibus exhibetur,
rursusque cum frigidis, &
crassi succi, viscera, com-
munisque corporis ductus
noxio infarctus impediunt,
alteram è confuso nucleo pre-
ferendum est, haud neglecto

*tamen utriusque, cum id
exigit, temperamento.*

Totum hoc comproba-
tur, quia in Aegypto, &
in Arabia, quæ sunt Re-
giones magis calidæ tem-
pore æstiuo in hac potio-
ne ut plurimum non su-
muntur nisi cortices, quæ
eodem modo ac semina,
contunduntur, & tempore
hyemali ipsamet semina,
& in alijs Regionibus mi-
nus calidis, uti in Regno
Syriæ, sicut ego ipse vi-
di, sumitur æstate hæc
potio vnà cum corticibus,
quod in hyeme non fit,
tunc enim sumitur sine
corticibus, signum ergò e-
uidens est, cortices esse ip-
so

so semine frigidioris qua-
litas

Summas igitur Deo no-
stro Conseruatori gratias,
qui nouum in dies profert
modum seruandi nos in-
columes , & sanos , cui
laus , & gloria in æter-
num .



D I S C V R S O
sôbre
A SALVBERRIMA
B E B I D A
chamada
C A H V E,
OV
C A F E'

POR FAVSTO NAIRONO BANÉSIO
Maronita,

*Leitor de Lingua Caldêia ou Siriaca
do Ilustre Arquignásio
Romano.*

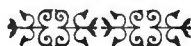
Ao Eminentíssimo e Reuerendíssimo

PRÍNCIPE

D. JO. NICOLAV

CAR. DA S. I. R.

(SANTA IGREJA ROMANA)



Em Roma, na Tipografia de Miguel Hércules. 1671.

Com licença dos superiores

Ao Leitor



CAFE', esta bebida de novo gênero, divulgada pela Europa, e recentemente nesta cidade de Roma, amedrontou a não poucos cidadãos, completamente ignorantes das qualidades e bons efeitos dela. Por isso, leitor benévolo, para tua segurança, eu mesmo sustentei, com este breve discurso, que tal bebida deve ser empregada do melhor grado, a fim de livremente a usares. Pois, como o ensina a experiência, foi e ainda é muito útil em todo o Oriente, que não é a minima das partes da Terra. Por onde, para dissipar tôdas as tuas dúvidas, explico-te nestas páginas as propriedades que distinguem esta poção e os seus bons efeitos para a tua

saúde, tudo comprovado pela experiência e autoridade dos escritores. E para serem mais facilmente entendidas de todas, usei de estilo e vocábulos vulgares. No entanto, Deus te conserve com saúde.



Ao Eminentíssimo e Reverendíssimo

PRÍNCIPE
D. JO. NICOLAU
CARD. DA S. I. R.
DA CASA DOS CONTÍ

Fausto Nairono Banésio
Maronita deseja felicidade.



*TENDO, Eminen-
tíssimo Princi-
pe, percorrido o
Oriente, desde o
ano de 1650, e
havendo, levado
pela curiosida-
de, observado várias coisas, inda-
guei diligentemente, entre outras,
da bebida chamada "cahve" ou
café, e o que sôbre ela vi, como
testemunha ocular, ouvi e expe-
rimentei, aquí o divulgo em pou-
cas linhas, para o bem público.
E por isso não nas ofereço hu-
mildemente senão a Vós que, com*

sumo aplauso dos povos, favoreceste sempre e favoreceis, nos cargos que desempenhastes, o bem público temporal e sobretudo espiritual. Não desdenheis, pois, êste meu pequeno presente, tendo em vista a conservação da saúde; pois, para defendê-la, de nenhum modo se leva em conta a quantidade do medicamento, mas só a qualidade que, embora seja minima, sairá maior e mais perfeita sob a proteção de tão eminente Príncipe. Vale.

Imprima-se, se assim o parecer ao Reverendiss. P. Mestre do S. P. A.

I. de Ang. Vice-gov. do Arceb. Roma.



Imprima-se

FR. JACINTO LIBELO

Mestre do S. P. A..



DEUS óptimo Máximo, tendo sempre em vista o bem-estar e a vida dos mortais, a fim de consagrarem tôdas as suas obras ao Sumo Opífice e, com maiores e mais válidas fôrças, observarem os Seus divinos preceitos, por isso, tudo o que de bom encerrou nas ervas, de mais precioso nas pedras e de mais perfeito nos animais, a Sua munificência suma o concedeu aos mortais. E como os sutilíssimos engenhos dos homens não puderam descobrir e perscrutar todos os milagres da natureza, isto é, as virtudes dos seres naturais e as suas propriedades, Deus admirável, exardendo de sumo amor para conosco, tornou-nos conhecidas as incógnitas virtudes das coisas, ou fortuitamente, na maioria dos casos, ou, o que é mais admirável, sendo os racionais ensinados pelos irracionais, êstes revelaram muitas vêzes àqueles os mais secretos efeitos da natureza e até mesmo o pró-

prio carácter curativo. Assim, os veados, como nota Matíolo, no comentário do livro 2 de Dioscórides, revelaram a utilidade da erva poejo para extrair das feridas as setas e coisas semelhantes; pois, os caçadores observaram no Reino de Creta, que os veados, comendo dessa erva, expulsavam dos ferimentos os dardos.

Vergílio Políodoro (liv. I, cap. 21) diz que as andorinhas ensinaram que a quelidônia é salubérrima para a vista, pois curam com ela os filhotes doentes dos olhos; e acrescenta que os javalis curam suas doenças com a hera; a doninha, na caça às cobras, busca o remédio na arruda; e a cegonha, no ourégão.

Com o hipopótamo, ou cavalo fluvial (animal que vive no Nilo), os médicos aprenderam a curar as doenças pela sangria, a que chamam flebotomia. Segundo o narram os mesmos Políodoro e Matíolo nos lugares citados, quando este animal se sente empanturrado, pela excessiva alimentação, sai para as margens à procura de caniços recentemente cortados e, encontrando uma haste bastante agu-

çada, aplica-lhe o corpo de modo a pungir certa veia da perna, exonerando o corpo doente pelo curso do sangue; e logo depois fecha a ferida por meio do limo.

O ibis é certa ave peculiar só ao Egito e não dissemelhante da cegonha. Segundo o refere Plínio (liv. 8, cap. 27), foi o primeiro a ensinar o uso do clister, pelo seu costume de, por meio do agudo bico, purgar-se, lavando a parte do corpo por onde expulsa os excrementos.

Galeno, no liv. II, das faculdades dos medicamentos simples, conta que certos segadores, quiseram, depois do trabalho do dia, recrear-se com o vinho deixado no campo, num vaso de barro. Quando, segundo o costume, enchiam um frasco, caíu de dentro uma víbora morta. Atônitos com o fato e temerosos de algum mal, se bebessem, antes preferiram aplacar a sede com água. Depois, ao partirem, levados da humanidade e misericórdia, ministraram dêsse vinho a um homem atacado de morbo elefantino (certo gênero de lepra mui pernicioso), convencidos lhe fôsse melhor morrer que viver vida tão miserá-

vel. Mas êle, depois de haver bebido, teve a saúde restituída de modo admirável, donde se veio a aplicar o vinho viperado à cura dessa doença. E, pouco mais adiante, acrescenta Galeno que foi êsse um documento de fortuita experiência.

Pela mesma razão se deve dizer que a bebida chamada *Cahve* ou *café*, se revelou, e por um documento de casual experiência, como pela narrativa seguinte se verá.

Certo pastor de camelos ou, como dizem outros, de cabras, conforme a comum tradição dos Orientais, queixava-se aos monges de um mosteiro da região de Ayaman, na Arábia Feliz, que os seus rebanhos ficavam acordados mais de uma vez na semana, e mesmo como que saltavam durante a noite inteira, contra o que costumavam. O prior do mosteiro, levado da curiosidade, pensando que isto proviesse da pastagem e examinando atentamente, junto com um confrade, o lugar onde as cabras pastavam, na noite em que se agitavam, nele descobriu uns arbúsculos, de cujos frutos ou antes, bagas, se nutriam.

Quís experimentar êle próprio as virtudes dêsse fruto e então, tendo-os fervido em água e logo lhes ingerido a poção, experimentou que provocava a insônia durante a noite. Por isso mandou fosse ministrada aos monges todos os dias, afim de os conservar em vigília noturna, para assistirem mais prontos às orações da noite. Mas, como cada dia melhor experimentassem os vários e salubérrimos efeitos para a conservação da vida e a boa saude, essa bebida de novo gênero difundiu-se, fortuitamente e por admirável providência de Deus, com tal salubridade, aos poucos, por toda a referida região; e depois, com o progresso do tempo, por outras províncias e reinos do Oriente, e também invadiu as plagas occidentais e sobretudo européias.

Dizem, pois, que os primeiros supra-ditos inventores desta bebida, pelo aceno, por assim dizer, das cabras ou camelos, eram monges cristãos, como os próprios Turcos de ordinário costumam confessar. E em acção de graças e sufrágio das almas fazem preces por êles, sobretudo aqueles Turcos que são minis-

traidores e distribuidores dessa bebida: pois fazem precações próprias e quotidianas por *Sciadli* e *Aidro*, afirmando que tais eram os nomes dos supra-referidos monges.

Grande cópia dêstes arbúsculos se encontra na Arábia Feliz, produzem frutos semelhantes ao cacau, mas fendidos longitudinalmente como o caroço da tâmara; bipartem-se no mesmo córtice. Recebem êsses frutos dupla denominação: uma, do fruto; a outra, da bebida. Quanto ao fruto, chama-se *ban*, e *ben*, *bon* e *bun*, porque os Árabes, que escrevem só as letras consoantes, grafam com *texdid* sôbre a letra *n*, o qual *texdid* é um sinal que tem força reduplicativa da letra sôbre a qual está colocado e se lê quase como se fôsem dois *n*, a saber *bnn*. E sôbre essas letras consoantes cai, igualmente bem, cada uma das referidas vogais; por isso uns lêem *ban* e *ben*, como certos orientais; outros como Alpino, *bon*; outros *bun* ou *bunch*, como Cotovico e Avicena, segundo mais abaixo, em seu lugar, se verá. Mas, depois que essas sementes moídas se fervem em água, chamam-

nas *Cahue* ou *café*, assim como o trigo que, depois de moído, já não conserva o nome de trigo, mas o de farinha; e, como também a bebida feita da uva se chama vinho e não uva, embora o vinho não seja senão a uva mesma expremida, Assim, o nome de *Café* não é o do fruto, mas o da bebida.

Divide-se em duas espécies: uma de côr tirante a branco; outra a um citrino tão escuro que parece tender um tantinho para verde. Esta é melhor e superior àquela porque, ao ferver, dá uma água muito oleosa. A estas duas espécies se refere também Avicena (liv. I, trat. 2), como em seu lugar se verá. Tem dois córtices: o primeiro e exterior, negro; o segundo, interior, branco. O modo de preparar a poção é o seguinte:

Primeiro deve-se reduzir a pó a semente ou fruto; e para ser moído mais facilmente, seja torrado algum tanto, ao fogo, numa vasilha, até assumir uma côr violáceo — escura; pois, torrado em excesso, perderia toda virtude. E assim, para não se queimar, é mexido continuamente com uma colher ou outro instru-

mento e logo bem moído num moinho de mão ou numa *lágea* com uma mão de pilão e abanado numa peneirinha; em seguida, é posto em água a ferver num vaso de estanho, chamado em italiano *cucumo*, ou num de barro vidrado ou, como no Egito, num de pedra trabalhado com o buril. E, para o pó não vir logo para fóra quando pôsto na água a ferver, deve-se tirar o vaso do fogo, por duas, ou três vezes, até que o pó es quente e se misture com a água. E então, depois de fervido algum tanto, bebe-se assim quente; ou melhor, sorve-se gota a gota em tijelas ou chúcaras, rejeitando-se as bôrras que aí ficarem.

Não costumam os Orientais tomá-lo com o estômago jejuno porque, dizem, move a bile amarelada; e, por isto, quando desejam tomá-lo de manhã, comem antes um bocado, um pedacinho de pão ou algo semelhante.

Não há regra certa sôbre a quantidade de pó que se deve pôr: geralmente costumam deitar em três libras de água duas onças de pó; e o que fica no fundo ainda serve para o dia

seguinte, adicionando-se um pouco do mesmo pó.

O uso mais frequente desta bebida no Egito começou a vigorar cêrca de cem anos para cá, o que se conclui dos autores que descreveram os costumes, comidas e bebidas dos Turcos; pois, ao enumerarem, antes do supra-referido tempo, as várias bebidas dos Turcos, nenhuma menção fazem do café, o que se pode ver em Ludovico Bassano, que escreveu no ano de 1545; em João Antônio Menavino, no ano de 1548 e em Francisco Sansovino nos livros 1 e 3 das histórias dos Turcos, no ano de 1563. Pois, só referem três bebidas turcas, a saber: o *sorbeto*, feito de açúcar diluido em água ou misturado com suco de limão; a segunda é a chamada *sciosaph*, composta de mel e uvas passas misturadas com água; a terceira é o *pechmez*, feito de mosto cozido diluido em água.

Mas Jacó Cotovico, de Utrecht, no seu "Itinerário a Jerusalém", concluido no ano de 1598, depois de enumerar as três supra-referidas bebidas, discorre, também, acuradamente, sôbre a

quarta que é o café, como mais adiante se verá.

Quanto ao que os autores dizem desta bebida e ao que pensam das suas qualidades e efeitos, o leitor o terá a limpo pelo que vamos dizer e notar.

Alpino cita Avicena como tendo tratado desta semente, mas não indica o lugar onde a ela se referiu. Mas penso que o *Bunch*, de que fala Avicena (liv. I, trat. 2), é verdadeiramente esta semente de que tratamos: primeiro, porque entre os Árabes também se chama *bunch*, como o adverte Jacó Cotovico no cap. 7 do "Itinerário a Jerusalém", onde, falando desta bebida, assim se expressa: *Cohva, ou, como querem outros, bunce ou bunch*; segundo, porque as mesmas propriedades e os mesmos efeitos, atribuídos a esta semente, são também próprios a esse *bunch*, de Avicena, e se encontra na mesma região, isto é, em Ayaman ou Arábia Feliz. Pois assim está no lugar supracitado: *Que é o bunch? — é coisa trazida do Iamen, e certos disseram que cai das raizes Anigailen quando envelhecem. Escolha: o melhor é o citrino e*

leve, de bom odor; mas o branco e pesado é mau. Natureza: quente e sêco em primeiro grau, e segundo certos é frio em primeiro. Operações e propriedades: conforta os membros. Embelezamento: mundifica a pele, exseca as umidades que nela se manifestam, torna bom o cheiro do corpo e elimina o odor do psilotro. Orgãos de nutrição: é bom para o estômago.

Da mesma opinião é João Veslúgio, que nas suas anotações a Alpino sôbre o *bon*, cap. 16, diz: equiparam-no ao *buncho de Avicena*.

Mas, porventura, objectará alguém, contra o que afirmamos, que este fruto ou semente não nasce das raízes, mas dos arbúsculos; logo, o fruto *bunch* de Avicena, que diz colher-se das raízes Anigallen, não convém com o nosso *bon*, de que tratamos.

Para solver esta dificuldade deve notar-se que o texto árabe de Avicena, donde foi extraído o citado texto latino, tem duplo sentido. Pois, no texto arábico não se lê *anigailen*, mas *am gailan*, que se divide em duas dicções e não se lê numa só dicção.

como está no texto latino. Mas como *am*, no idioma árabe significa *ou (seu, vel)*, por isso a citação de Avicena pode interpretar-se: *o bunch é coisa trazida do Iamen, certos porém disseram, que das raizes ou do gailan, que talvez é algum arbúsculo daquela região.*

Segundo, embora *am gailan* sejam duas dicções, pode porém ser o nome de certo arbusto, como quer Antônio Gigeio no Tesouro da Língua Arábica; e embora se leia *bunch, provém das raizes am gailan* deve entender-se, não que o fruto esteja nas raizes, mas no arbusto chamado *am gailan*; pois se fôsse produzido pelas raizes, não se leria logo a seguir: *quando envelhece, cai*; pois o dizer-se que o fruto cai pressupõe que cai do alto, logo do arbusto, e não das raizes, que estão debaixo da terra; por onde, estes frutos verdadeiramente se colhem e caem quando envelhecem ou se dessecam. Demais, Avicena, seja o que fôr que diga neste texto, que este fruto provém das raizes ou dos arbúsculos, não o tem como certo, pois sòmente refere a opinião de alguns, o

que claramente se deduz do seu dito — certos porém disseram; logo o supra referido não o dá como seu.

Quanto ao citado Jacó Coticovico, assim se exprime no fim do capítulo sétimo do "Itinerário a Jerusalém": *Para isso usam quotidianamente de uma certa bebida, chamada cahue em árabe e em italiano cauo; esta é uma água, negra como tinta, de gosto amargo, cozendo-se nela a semente de uma certa erva (cujo nome é Cahua, ou como outros querem, bunnu, ou bunchi, e cresce mui copiosa no Egito); dizem que é boa para o estômago, corrobora o cérebro, e expulsa o humor nocivo. Essa semente, primeiro moida num moinho de mão ou esmagada com uma pedra, coze-se em água mais ou menos deste modo: misturam libra e meia de semente em vinte libras de água, que deixam ferver até a evaporação da meia parte e a bebem muito quente e quase a ferver nuns vasos indicos, chamados, vulgarmente, porcelanas; ou antes, sorvem gota a gota e se proptnam entre si tão lentamente que, às vezes, levam uma hora inteira*

para beberem e esgotarem apenas um púcaro, o que afirmam costumam fazer para não beberem ao mesmo tempo resíduos que assentam aos poucos, e que rejeitam como nocivos, depois de absorvida a água. Há muitos do povo que percorrem os bazares e vias públicas, sobretudo de manhã, oferecendo à venda essa água, que aquecem num fogareiro posto por baixo e a ministram a quem quiser, aquecida, e só muito quente a distribuem. E ninguém considera como feio ou deselegante, seja de que condição ou religião fór, se a beber em público; nas diversões públicas, quase em cada hora, infinitos se reúnem para beberem essa água (de que são mui ávidos), e matam o tempo conversando.

Quanto ao dito dêste autor, referente à água desta bebida, que se deve deixar ferver até se lhe consumir a metade, já agora não se usa, considerando-se suficiente que ferva algum tanto com o pó.

Próspero Alpino, médico vêneto, no cap. 16 do livro sôbre as Plantas do Egito, assim se exprime: *Vi a árvore no viridá-*

rio de Alibeu Turco, cuja figura tu agora verás, árvore essa que produz as sementes divulgadíssimas, chamadas bon ou ban e com as quais todos, tanto Egípcios como Arabes, preparam aquela espalhadíssima decocção, que bebem em lugar do vinho, e que se vende pelos negociantes públicos de vinhos, não menos que o vinho entre nós, e a que elles chamam cahua. Essas sementes são trazidas da Arábia Feliz: a árvore que digo ter visto, observei que é semelhante ao eunomo, mas de folhas mais grossas e duras, mais verdes, e de perpétua viridência. O uso dessas sementes, que servem para preparar a referida decocção, é conhecidíssimo de todos; e já alhures mencionei de que modo a preparam. E a empregam para corroborar o estômago frio e ajudar a digestão, e não menos para eliminar as obstruções das vísceras, e durante muitos dias com feliz successo empregam essa decocção nos tumores hepáticos, na frieza do baço e em antigas obstruções: e também parece ser muito boa para o útero, pois o aquece, livra-o das obstruções, sendo por isso

de uso comum entre tôdas as mulheres egipcias e árabes, que sempre, durante o fluxo mensal, auxiliam a evacuação dêle, sorvendo aos poucos grande quantidade desta decocção quente, que também serve para mover as regras suspensas. O uso desta fervura, depois de purgado o corpo, e durante muitos dias, é utilissimo.

Avicena faz menção destas sementes e refere os mesmos ou semelhantes usos dos referidos por mim; e afirma que a semente é quente em terceiro grau, e sêca em segundo; o que contudo não é verdade, quando ela tem sabor agri-doce e não apresenta nenhuma acrimônia. Também ensina que é muito útil contra as obstruções das visceras, os tumores frios do fígado ou do baço, mas diz que provoca náuseas do estômago, purga a pituita. E que estas sementes têm muitas outras utilidades eu o aprendi por experiência junto dos egípcios, e esta é a árvore que outrora vi no Cairo.

João Veslúngio, nas anotações do supracitado capítulo 16 de Alpino, pensa que o bon é o

bunch de Avicena; pois, confesso que *bon* e *bunch* é o mesmo, mas a citação de Alpino não convém com o *bunch* de Avicena. Pois Alpino refere ser opinião de Avicena que essa semente é quente em terceiro grau e sêca em segundo; e o mesmo Avicena, tratando do *bunch*, como referimos acima, diz que é quente e sêco em primeiro grau e frio no primeiro, segundo certos. Donde se deduz com clareza que Alpino, ao citar Avicena, de nenhum modo se refere ao *bunch*, mas a alguma outra semente que até agora me é desconhecida e não vista, porque o lugar de Avicena não é citado por Alpino.

João Bahuino, no livro 8 cap. 21 da História das Plantas, trata do *Calaf*, ou *ban* de Alpino; e por isso outros pensaram ser esse o fruto *bon*. Mas acho que o afirmam gratuitamente, pois o mesmo Alpino distingue o *calaf* ou *ban*, do fruto *bon*, ao dissertar sôbre o primeiro no cap. 15, e do segundo no cap. 16; como também claramente se conclui do que diz a seguir, onde sem dúvida cita o referido autor a Bellun, que, na inter-

pretação dos nomes árabes, diz que este arbúsculo não produz frutos, mas só flores das quais, diz Alpino, se distila a água chamada *Macalef*; donde evidentiíssimamente se conclui que o arbúsculo *Calaf* ou *ban* de que trata Bahuino não é o arbúsculo *bon*, pois este produz frutos, mas não flores, como até aqui o mostrámos.

Pedro *della Valle*, celebérrimo tanto pela nobreza como pelo cuidado com que escreveu suas viagens, na epístola terceira, escrita em Constantinopla no dia sete de fevereiro de 1615, enumera o *cahue* entre as bebidas dos Turcos, e diz que é muito boa para a saúde, sobretudo ajuda a digestão, corrobora o estômago e reprime as fluxões catarrais; tomado depois da ceia, provoca a vigília e por isso é útil aos que desejam estudar à noite.

Domingos Magro Melitense, na epístola escrita ao Eminentiíssimo Cardeal Brancácio, dissertando sobre o café, depois da descrição do fruto, das suas qualidades e dos seus efeitos, faz sentir que esta semente é por natureza quente e sêca e, por

isso, corrobora o estômago, ajuda a digestão, sendo tomada uma hora depois da refeição; é boa contra o catarro, alivia admiravelmente a cabeça, expulsando o sono, sendo por isso útil às vigílias dos estudantes; também reprime os movimentos do instinto venéreo, conservando o homem casto; aproveita mais no inverno que no verão e é mais eficaz tomado sem o córtice da própria semente. Os Orientais bebem o café em todo tempo, e mesmo na mesa em lugar do vinho; muito aproveita a quem usa desta bebida e pode ser tomada sem inconveniente quatro vezes por semana, pois nunca se ouviu dizer que a ninguém fizesse mal. E um pouco adiante acrescenta: elimina as obstruções e opilações e a experiência nos ensina que o café expele os catarrais e outras enfermidades oriundas do fígado e obra tais efeitos sem ofender ao estômago. E é a razão por que os Turcos em geral não sofrem de flexões, nem de dor de dentes, nem da podagra, nem de doenças semelhantes.

O mesmo autor aduz uma epístola de certo médico de Constantinopla, dirigida a um varão

ilustre, Epidauro, onde se leem as seguintes várias propriedades e efeitos desta bebida: É útil às mulheres menstruadas, e lhes confere às carnes uma côr bellíssima, a vivacidade aos olhos e às demais partes do corpo; também é útil nos males hemorroidais; e os viandantes, que usam desta bebida, resistem aos trabalhos do dia, à sêde e às vigílias da noite; é também profícua nas dores da podagra; para diminuir e provocar o mênstruo; e embora todos esses efeitos sejam contrários entre si; pois a vigília, que aumenta todas as dores, de nenhum modo deveria acalmar a da podagra; a sêde se modera com a umidade, a vigília é provocada pela secura; contudo diz que experimentam êsses dois efeitos contrários. Depois acrescenta que elimina as opilações e todos os humores e reprime os vapores que sobem do estômago à cabeça; e conclui que deve ser tomado puro e sem açúcar. de cuja opinião também participa o referido Domingos Magro na citada epístola.

Na Relação sôbre esta bebida, impressa primeiro em Londres,

no Reino da Inglaterra, e depois em Gênova, em Florença e este ano aqui em Roma, se lê que esta semente é fria e sêca; e embora desseque, não aquece nem inflama, ajuda a digestão, vivifica os espíritos; o seu fumo é útil às doenças dos olhos, reprime as fumosidades internas e por consequência as dores de cabeça; impede as fluxões catarrais que da cabeça descem ao estômago, preserva o homem do tabes e elimina a tosse proveniente da inflamação dos pulmões.

Na Inglaterra, a experiência ensina que aquele reino muito aproveitou depois que usou desta bebida; e sobretudo na hidropisia, na podagra, e num outro gênero de doença chamada pelos ingleses *scurroy*.

A experiência ensina que é superior a todas as poções dessecantes para os velhos e crianças, que sofrem de humores frios.

Aproveita às grávidas para terem feliz parto e também às que tiveram as regras suspensas por três ou quatro meses.

É muito profícua nos males do baço, ou das opilações, nas

ventosidades hipocondríacas e doenças semelhantes.

Impede o sono e, portanto, quem não quiser ficar acordado não a beba depois da ceia.

Observou-se que nos países dos Turcos, onde sempre se toma esta poção, não reina o mal dos cálculos nem o da podagra, nem o da hidropisia. Não é relaxante, nem adstrigente do corpo.

João Veslúgio acrescenta que é muito útil quando o languor invade o coração ou o estômago.

Tais são, segundo os referidos autores, as salutares qualidades e efeitos do café para a saúde humana; e certos dêles eu mesmo os experimentei quando percorri as plagas orientais no anno de 1650; pois muito me aproveitou para a digestão dos alimentos, para a corroboração do estômago e para as vigílias da noite.

O Padre Luiz Gianini, da Companhia de Jesus, substituto do Reino da França, narrava coisas admiráveis sôbre esta bebida; e talvez foi dos primeiros que a usaram aqui em Roma, e já velho resistia a todos os trabalhos do dia, às atividades noturnas da sua Religião, confessando que

na bebida do café hauria a boa saúde e muitíssimas vezes me exortava a tomá-la. Êle ainda vive na França, octogenário.

O mesmo abertamente me afirmava Antônio Sangiorgio, nobre familiar do Cardeal de Bolonha, Bernardino Spada; experimentou-lhe a mesma utilidade e sobretudo nos fluxos catarrais de que muito sofria antes de usar do café. Morreu em Roma quase septuagenário.

O Senhor Inocência, da nobilíssima família romana dos Conti, vice-governador geral dos Estados da Igreja, várias vezes na semana e em minha presença tomava essa bebida, para ajudar a digestão dos alimentos. Mas, não lhe foi útil para livrá-lo dos sofrimentos padecidos tanto nas expedições bélicas à Alemanha, admiravelmente levadas a cabo sob os imperadores Fernando Segundo e Terceiro, como na fortificação da Dalmácia em defesa da Religião Católica contra os Turcos, no tempo mais quente do ano. Livre dêstes trabalhos, morreu em Roma, mais que quadragenário, não sem ser chorado da Europa.

Como, porém, desta bebida

proveem efeitos contrários; e se procedem da qualidade quente e sêca ou da qualidade fina, isso o deixo aos físicos. Deve-se, porém, notar que a sua côr negra e o sabor amargo não provém da sua natureza, mas é accidental, da torrefação da semente. Pois a semente é de si branca, e tão grata ao gôsto, acompanhado de certa doçura, que mal se lhe percebe levíssimo amargor, como se pode ler no citado lugar de Alpino. Por isso os Orientais são de opinião que esta semente participa igualmente do quente e do frio, pela razão seguinte de pensarem que os córtices dela são de qualidade fria, mas a semente mesma é de qualidade temperada, tendendo algum tanto para quente. E com isso concorda Pedro *della Valle*, na citada epístola terceira, escrita em Constantinopla, bem como João Veslingio nas notas ao capítulo 16 de Alpino, onde diz: *A harmonia das qualidades dêste fruto, a que chamam manifestas, é dispar. Pois o córtice participa do frio, mas com secura predominante, ao passo que o caroço é moderadamente quente. Aquele afeta, não com*

inclemência, o sentido da língua, com certa acidez, e éste com evidente amargor. Por isso nem causa náusea ao estômago, por mais que se tome a decocção, nem lhe é prejudicial com intenso grau de calor, contanto que seja tomado moderadamente e moído numa pedra com pilão de madeira. A decocção do córtice se ministra melhor nos calores estivais dos febricitantes. Ao contrário, como os sucos frios e crassos impedem pelo infarto, nocivo a condições comuns do corpo, deve-se preferir a outra decocção, do caroço moído, sem se deixar de lado, sendo necessário, uma mistura de ambos.

Tudo isto é comprovado pelo fato de, no Egito e na Arábia, que são regiões mais quentes, geralmente não se tomarem desta bebida no tempo estival, senão os córtices moídos do mesmo modo que as sementes; e na estação hibernal as próprias sementes. E em outras regiões menos cálidas, como no Reino da Síria, segundo eu mesmo o presenciei, se toma esta bebida no verão junto com os córtices, o que não se faz no inverno, quando se toma sem êles, sinal

evidente de que os c6rtices s6o de qualidade mais iria que a semente.

Graças sumas sejam pois dadas a Deus, nosso Conservador, que cada dia nos oferece novos modos de nos preservarmos fortes e s6os, a quem seja dado louvor e gl6ria eternamente.



ÍNDICE

	PAG.
Introdução à edição brasileira	XI
Texto latino	1
Tradução brasileira ..	59

FAUSTO
NAIRONC
BANESIO



DISCURSO SÔBRE O CAFÉ

D. N. C.
1945



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).